



GT 11. Antropologia das Práticas Juvenis

Coordenador(es):

Frank Nilton Marcon (UFS - Universidade Federal de Sergipe)

Mylene Mizrahi (PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

O presente GT tem como objetivo reunir trabalhos resultantes de pesquisas em conclusão ou em andamento, que tenham como foco de investigação as práticas juvenis em suas mais diversas expressões. Mudanças sociais, políticas e culturais ocorridas no ocidente, especialmente na segunda metade do século XX, produziram alterações significativas nas subjetividades juvenis, promovendo mudanças no conjunto das experiências que por muito tempo definiram os sentidos de “ser jovem” e “ser adulto”. Atualmente, as pesquisas antropológicas tem lançado mão de diferentes abordagens teóricas e metodológicas para a compreensão das práticas juvenis, das quais se destacam a influência das teorias da agência, dos estudos sobre performativity, das abordagens disposicionalistas, como também de uma releitura dos Cultural Studies. Desse modo, fazer uma antropologia das práticas juvenis em nosso atual contexto, trata-se não apenas de estar atento às mudanças nos repertórios de sentidos acionados pelos/as jovens, como também de se abrir para possibilidades interpretativas advindas de outros campos do saber. Serão aceitas para o debate nesse grupo de trabalho, pesquisas, especialmente etnografias, que se dediquem ao estudo das práticas juvenis a partir de diferentes temas, tais como: sociabilidades e territorialidades; gênero, sexualidade e relações étnico-raciais; educação, trabalho e profissionalização; arte, estética e performativity; entre outros

Etnografias de circuitos de lazer na cidade de São Paulo nos anos 1990 e a cena indie rock

Autoria: Eliza Dias Möller (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora), Silva, Elisabeth Murilho da; Prof. Dra; Universidade Federal de Juiz de Fora; murilho@gmail.com

Esse work, ainda em fase inicial, pretende investigar a cultura juvenil dos anos 1990 no Brasil através do desenvolvimento da cena musical independente, nos eixos Rio de Janeiro e São Paulo. É importante ressaltar que, neste caso, o termo “independente” está diretamente ligado ao gênero do “indie rock”. Através de entrevistas, imagens, videocliques e outros materiais produzidos pelas bandas, selos e fãs busco entender como se dá o estilo de vida destes jovens, o que realmente os movia em seus contextos sociais, com o que se identificavam e como construíram suas identidades de maneira geral. Sendo os anos 1990 uma década que se inicia com grande instabilidade política e econômica com o governo de Fernando Collor de Mello e seu subsequente impeachment/renúncia, seguido pelos governos de Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso e a estabilidade monetária do Plano Real, o contexto tanto fez com que estes jovens da classe média buscassem novas formas de diversão e tomassem iniciativas, quanto viabilizou um maior intercâmbio de informações e produtos, a partir da paridade com o dólar em 1994, incrementando a produção cultural. Além disso, o acesso a informações sobre a cultura juvenil internacional é ainda mais massivo através dos meios de comunicação mais avançados, quando os jovens não têm que esperar necessariamente os discos e fitas cassete chegarem ao país, contexto descrito por Helena Abramo (1994) para o final da década anterior. Os jovens da década de 1990 podem ouvir as músicas nas TVs pagas e relacioná-las aos estilos rapidamente, junto com todas as informações que um clipe de música pode trazer, muito mais do que uma capa de um disco ou uma fotografia. Vemos aqui, a música, a moda, os estilos, o consumo e o lazer como agentes principais das culturas juvenis, como explica Hall, Jefferson, Clark e Roberts (2006), tendo em vista a juventude como fator de implicação expressiva nas mudanças da indústria do lazer e em sua ampliação. Como consequência, o próprio mercado destinado ao público juvenil passa a se dedicar também às demais



faixas etárias como algo massivamente aceito e desejado, num prolongamento do estilo de vida juvenil. Nesta pesquisa, procuro investigar de que modo bandas como, Pelvs (RJ), Pin Ups (SP), Garage Fuzz (SP), entre outras, criaram seus circuitos, diálogos e identidades nacionais, onde buscavam suas referências, quais lugares se apresentavam, se produziam fanzines, quais eram seus contextos sociais e se, de alguma forma, deixaram algum legado. Para essa apresentação específica, pretendo apresentar o recorte das casas de shows em São Paulo, buscando mapear um circuito de lazer ou uma ?mancha de lazer? (Magnani; Souza; 2007) e entender como ela se relacionava com as bandas independentes, a música e o público.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: